

## PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA: O RISCO E OS RITOS

**Recebido em:** 27/08/2015

**Aceito em:** 28/07/2016

*Priscilla Pinto Costa da Silva*  
*Patricia de Jesus Costa dos Santos*  
*Ana Raquel Mendes dos Santos*

Universidade de Pernambuco/ Universidade Federal da Paraíba  
João Pessoa – PB – Brasil

*Bruno Medeiros Roldão de Araújo*  
Universidade Federal de Campina Grande  
Campina Grande – PB – Brasil

*Emília Amélia Pinto Costa Rodrigues*  
Universidade Federal do Paraná  
Curitiba – PR – Brasil

*Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas*  
Universidade de Pernambuco  
Recife – PE – Brasil

**RESUMO:** O objetivo do estudo é discutir os riscos e ritos e suas relações com as práticas corporais na natureza. Foram apresentadas três categorias analíticas oriundas de estudos relacionados sobre a temática: a primeira, concepções do risco na sociedade pós-moderna, a qual trata a transição da sociedade e a ampliação de consequências de risco; a segunda, concepção dos riscos nas práticas corporais na natureza, expõe a diversidade dos riscos e incertezas, sejam positivos ou negativos, encontradas nestas práticas; e a terceira, ritos nas práticas corporais na natureza, consiste em manifestar a adoção de ritos para a preparação à exposição ao risco. O risco e rito nas práticas corporais na natureza apresentam uma interrelação a partir da incerteza encontrada nestas práticas e com o universo imaginário.

**PALAVRAS CHAVE:** Assunção de Risco. Natureza. Sociedade. Atividades de lazer.

### BODY PRACTICES IN NATURE: RISKS AND RITES

**ABSTRACT:** The objective of the study is to discuss the risks and rites and their relationship to the body practices in nature. Three analytical categories derived from related studies on the subject were presented: first, risk concepts in postmodern society, which is the transition of society and the expansion of risk consequences; the second, the risks concepts in bodily practices in nature, exposes the diversity of risks and uncertainties, whether positive or negative, found in these practices; and the third, rites in bodily practices in nature, is to express adoption of rites for the preparation of

exposure to risk. The risk and rite in bodily practices in nature have an interrelationship with from the uncertainty found in these practices and the imaginary universe.

**KEYWORDS:** Risk-Taking. Nature. Society. Leisure Activities.

## **Introdução**

O crescimento das práticas corporais na natureza, em meados da década de 1960/70 (BRUHNS, 2009) acompanhou o desenvolvimento tecnológico no que se refere aos equipamentos de segurança destas práticas (MARINHO, 2008). Tais equipamentos oferecem garantia de proteção aos praticantes, contudo, estes não estão imunes aos riscos encontrados nestas práticas, devido à incerteza que envolve a natureza (SILVA; FREITAS, 2010). Desta forma, os praticantes recorrem aos ritos para obter alguma segurança (PIMENTEL, 2008). Os ritos se tornam características nestas práticas, pois estas são guiadas pelos riscos a partir da incerteza.

O desenvolvimento das práticas corporais na natureza também se faz presente a partir das transformações sociais e culturais. Nesta direção, autores como Follari (2000), Harvey (2001), Baudrillard (2008) apontaram que a cultura está atravessada pelas consequências da passagem do moderno para o pós-moderno e concentra-se em uma lógica capitalista, a qual a formação moral dos jovens recai na paixão pelas práticas permitindo novas sensações para o corpo (LIPOVETSKY, 2005). Tal perspectiva incide na insatisfação da vida cotidiana que faz surgir o interesse pela busca de novas práticas. Como elucida Costa (2000), o ser humano se encontra seduzido e fascinado por uma hiperrealidade. Baudrillard (1991) entende a hiperrealidade como a busca por vivenciar fortes emoções, caracterizado por uma realidade construída fruto de desejo, abarcando as tentações do pensamento aventureiro, traçado como estratégias fatais ou paraíso arquitetado pelo pensamento.

Nesta perspectiva, a hiperrealidade encontrada na sociedade pós-moderna recai na ilusão que se opõe à realidade, que se inverte o real pelo simulacro no modo do seu “ser no mundo” (LE BRETON, 2009). O autor destaca que se vive em um risco ambíguo e ao mesmo tempo paradoxal, em que os mesmos sujeitos que buscam cuidados em si, lançam-se no meio do desconhecido a partir das práticas corporais na natureza na busca de fortes emoções. A natureza desconhecida traz incertezas ao praticante, em que o risco e o prazer ora aparecem em uma dimensão dicotômica, ora se funde entre si. Neste sentido, a busca pelo prazer, está inserida em um universo que o risco é intrínseco, mesmo estando controlado, estabelecendo teorias morais, as quais caracterizam este como sendo um aspecto positivo ou negativo, em que pode estar associado a outras pessoas e situações (LE BRETON, 2009).

Assim, compreender o risco nas práticas corporais na natureza permite envolver diferentes dimensões de natureza humana, tais como os aspectos históricos, culturais e sociais. Diante deste cenário, o estudo tem o objetivo de discutir os riscos e ritos e suas relações com as práticas corporais na natureza.

### **Concepções do Risco na Sociedade Pós-Moderna**

O termo pós-moderno tornou-se mais utilizado após a publicação do livro “La condition postmoderne” de Jea-François Lyotardem em 1979. A partir de então, a corrente de pensamento foi firmando-se e agregando autores como Baudrillard, Foucault e Vattimo. Lyotard apontou considerações à luz das transformações políticas, econômicas e filosóficas, destacando as décadas que seguem a II Guerra Mundial, identificando o pós-moderno como o declínio dos grandes sistemas de interpretação como a ciência e a política.

Diante deste cenário, a sociedade pós-moderna apresentada por diversos autores se caracteriza como transição da modernidade para surgir uma nova era, marcada por mudanças na organização social e cultural. Autores como, Giddens (1991), Harvey (2001), Beck (1997), De Masi (1999), Bauman (2001) e Lipovetsky (2005), discutem sobre este cenário buscando compreender em qual período vive a sociedade, uma vez que múltiplos termos são empregados, tais como: sociedade moderna, pós-moderna, pós-modernismo, sociedade de risco, sociedade pós-industrial, modernidade tardia, modernidade líquida entre outros. Este artigo adotará o termo pós-moderno, uma vez que a sociedade está alcançando um período o qual as consequências tecnológicas e midiáticas estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas (GIDDENS, 1991).

Na mesma linha de raciocínio de Giddens (1991), pode-se dizer que, diante de uma realidade, a sociedade cria momentos em que tende a decidir e a valorizar o que persiste como velho ou a realidade das transformações sociais, mas que não considera algo distante e independente, pois está unido a uma linha contínua envolvendo o passado e o presente. Giddens (1991) considera a modernidade enquanto descontinuidade dos grupos sociais tradicionais, geradas a partir de transformações da vida moderna, em que não possui uma ruptura ou descontinuidade total entre o passado, o presente e o futuro. Neste mesmo pensar, o autor aponta as mudanças advindas na ação do ser humano no cotidiano, e articula com o processo de globalização, reflexividade e a destradicionalização da sociedade atual. Assim, Costa (2010) elucida que os últimos 60 anos marcaram transformações culturais que sucedem nas formas de vida da sociedade.

Neste entendimento, o pós-moderno oferece a sociedade novas oportunidades quanto ao estilo de vida, costumes e organização social. No entanto, as consequências

advindas da modernidade transformaram as relações sociais, quer sejam individuais e coletivas, rompendo um referencial que protegia pequenas comunidades e substituiu por organizações maiores e impessoais, tornando o indivíduo a se sentir privado, faltando um sentido de segurança em que era oferecido em ambientes tradicionais (GIDDENS, 2002). Assim, o autor destaca que a vida cotidiana está interconectada com a ordem global, tornando todos presos as experiências desta realidade. Nesta direção, Ferraz (2003), aponta que este cotidiano interrelaciona os seres humanos quanto à aparência dos fenômenos no que diz respeito à essência da realidade nos âmbitos cultural, político e socioeconômico.

Deste modo, o pós-moderno amplia as oportunidades e por consequência os riscos gerados pelo próprio desenvolvimento, situações em que é capaz de colocar toda a sociedade em risco, como por exemplo, a degradação ambiental. Neste sentido, Beck (1997) aponta que os atores sociais se veem perante uma socialização dos riscos, que se torna independente da ação pessoal, envolvendo, portanto, toda a sociedade. Esta construção desperta para o sentido da confiança, o que traz possibilidades de ser avaliado como conjunto acoplado com o risco, nas condições do pós-moderno, visto que o risco e a confiança para Giddens (1991) se entrelaçam, buscando reduzir os perigos expostos no cotidiano.

Outros autores, a exemplo de Slovic e Weber (2002) atribuem ao risco o título de orientação, contudo agregam valores, poder e confiança entre os atores sociais que ostentam a situação de risco, nas suas diversas faces. Os autores apresentam categorias que se interligam: a primeira, “estimativa do risco”, que abarca a identificação decorrente, a quantificação de ocorrência e a caracterização, que consistem na intensidade de resultados a partir de suas ações; a segunda categoria corresponde a

“gerência de risco”, que comporta à tomada de decisão, a aceitação do risco, ao seguro e a comunicação. Uma terceira categoria se encontra mediada entre as duas citadas: “a política do risco”, que engloba a percepção do risco, valores, processos, poder, confiança, conflito e controvérsias, demonstrando a relação entre os sujeitos e o que eles compreendem sobre o risco.

Nessa direção, uma análise realizada por Slovic e Weber (2002) elucida três paradigmas apresentados nos estudos da percepção de risco: o primeiro refere ao paradigma da medição axiomática, que trata às pessoas de forma subjetiva de risco, apontando para os possíveis resultados das opções de escolhas quanto ao risco; o segundo, paradigma sócio-cultural, caracteriza as consequências, as variáveis de grupos e o nível cultural na percepção de risco; e o terceiro, paradigma psicométrico, que perspectiva compreender as reações emocionais das pessoas em situação de perigo. Nesta direção os autores, destacam a teoria axiomática, que possui tradição psicométrica, recaindo nas vivências qualitativas interligadas aos riscos, como por exemplo, o medo. De fato, é interessante observar que as considerações expostas por Slovic e Weber (2002), incidem na percepção emocional, interligada pela probabilidade e dimensão dos resultados, considerando os aspectos negativos que estão interligados ao risco, como a insegurança e o receio.

Ao adentrar nesta contextualização, Imperato e Mitchells (1985) apresentam quatro fatores relevantes que influenciam na percepção do risco: o primeiro é a “irracionalidade”, que consiste na natureza humana, ocasionando um descompasso entre as reações do ser humano e os riscos reais existentes; o segundo é a “negação do risco”, que é caracterizada pelas consequências da irracionalidade. De um lado a negação ajudaria encobrir uma situação perigosa, e por outro pode prejudicar uma avaliação de

riscos; o terceiro, a “assimetria da informação”, compromete as escolhas, pois às vezes há ausência, inadequação e distorção nas informações; e o quarto, a “defasagem temporal”, que recai para uma visão futura.

As percepções do risco apontadas pelos autores estabelecem de certa forma, a aceitação da sociedade, constituindo diferentes níveis de exposição para cada ator social. Isto incide nas considerações sobre o risco apresentadas por Slovic e Weber (2002) que apontam as múltiplas concepções de risco que podem ser classificadas em “quantitativas”, quando à situação pode calcular a probabilidade e extrair respostas para a análise de risco, e “qualitativas”, quando os números não dão conta de suprir um problema humano, empobrecendo a compreensão de risco e negando a subjetividade. Cabe ressaltar que essas classificações de risco não possam ser limitadas apenas as formas numéricas ou por elementos estatísticos, uma vez que se encontram inseridas nas variáveis imensuráveis tais como a cultura e a sociedade. Neste sentido, os autores frisam que o risco quando percebido é quantificado e predizível, mesmo considerando seus diferentes significados, tendo o perigo uma relação direta com o risco percebido, enquanto elemento da subjetividade diante da complexidade das concepções.

As contribuições dos autores citados focam o risco como um conceito criado pelos seres humanos para ajudar a compreender e lidar com os perigos e as incertezas do cotidiano, não obstante os perigos serem reais. Slovic e Weber (2002) diferenciam o significado dos termos risco e incerteza, declarando que o risco compreende conhecer as probabilidades de ocorrer algo, e a incerteza consiste quando a probabilidade não é conhecida.

Ainda seguindo este mesmo raciocínio, Tuner e Wynne (1992) lembram que em 1969 foi construído o conceito de “risco aceitável” por Sttar, que concebe a

aceitabilidade de um risco acerca das atividades voluntárias, argumentando que a sociedade pode instituir o nível de risco aceitável, ao que refere risco-benefício. Estas contribuições fortalecem a questão do empobrecimento de mensurar o risco, pois na perspectiva sociocultural, é atribuído significados aos fenômenos do risco visando assegurar alguma segurança. Assim, Wildavsky (1991) traz em seus estudos a análise cultural dos riscos, tratado nos estudos antropológicos de abordagem cultural e suas organizações sociais.

Confrontando as explicações das análises de riscos no que refere ao âmbito objetivo e subjetivo, não é possível conhecer toda essa problematização, portanto não garante que os riscos que a sociedade procura evitar provoque mais prejuízo (WILDAVSKY, 1991). Neste sentido, Guivant (1998) alerta que a sociedade tem que lidar com os conhecimentos incertos, uma vez que no sentido técnico, o risco não considera o processo decisório, enquanto significado irracional. A autora ainda ressalta as divergências significativas quanto aos métodos que estimam os riscos, bem como os que apontam as margens de segurança, lembrando que os diversos riscos que a sociedade está exposta são reais.

Sob esse prisma, o risco permeia indivíduos e grupos, o qual torna inerente a existência da sociedade, consentindo um objeto de reflexão, como apontam Beck (1997) e Giddens (1991). Os autores apresentam o risco como elemento central para uma nova transformação social. Nesta perspectiva, certamente, os riscos são aceitos pela sociedade, na qual estão expostas aos critérios éticos, morais, culturais, e de valores, dentro dos quais o risco é reconhecido, influenciado por fatores sociais, culturais e psicológicos. Em conformidade com este raciocínio é importante parafrasear Giddens, Beck e Lash (1997, p. 8) quando relatam que “o futuro se parece cada vez menos com o



passado e, em alguns aspectos básicos, tem se tornado muito ameaçador”. Os autores completam declarando que há uma ameaça na sobrevivência, por consequência da ação humana. Desta forma, o risco assume um papel de destaque por está presente em diversos aspectos da vida dos seres humanos, no âmbito individual ou coletivo, que compelem aos próprios atos da sociedade correspondendo à conduta de risco.

### **Concepção dos Riscos nas Práticas Corporais na Natureza**

Em face da diversidade dos riscos, apresentam-se os aspectos positivo ou negativo, em que estão associados a outras pessoas ou situações, podendo ser calculado, quando a probabilidade e a amplitude da ação tornar-se reversível (SPINK, 2001). Le Breton (2007b) apresenta o risco como elemento pluridisciplinar, abrangendo o corpo em risco a partir de várias disciplinas, relacionando os aspectos epistemológicos aos metodológicos.

Ainda segundo Le Breton (2006; 2007a; 2007b; 2009) as atividades de risco consiste no empreendimento da busca pela aventura por meio da natureza incerta. O autor aponta que são as condutas de risco que despertam o interesse por estas práticas, ganhando destaque para as jovens gerações que buscam o gosto de viver, como também de interagir socialmente. Para a compreensão, Le Breton (2009, p. 2) entende por condutas de risco um “[...] jogo simbólico ou real com a morte, um arriscar-se, não para morrer, mas como uma possibilidade não desprezível de perder a vida ou de vir a sofrer alterações das capacidades físicas ou simbólicas do indivíduo”. O autor explica que as condutas de risco para jovens gerações sustentam-se sobre um sofrimento pessoal, que são referentes à falta de integração social e a ausência satisfatória do gosto de viver.

A conduta de risco envolve um enfrentamento com o mundo, em que a aposta não é morrer, e sim viver mais. Nesta perspectiva, enfrentar a natureza incerta, procurando um posicionamento no mundo e encarando certos sofrimentos “para nascer de si mesmo dentro do sofrimento” significa alcançar um significado de si mesmo, admitindo retomar o sentido da própria vida (LE BRETON, 2009, p. 3). O autor destaca que estas práticas nascem pela paixão moderna pelo risco, a partir da desordem moral, que movimenta a sociedade ocidental, da desordem do presente perante um futuro imprevisível, como aponta Giddens (1991) quando adverte as desordens da sociedade pós-moderna, e os processos de transformações da vida humana. Essa paixão apontada por Le Breton recai na busca de sensação de prazer por meio do risco que são encontradas na natureza incerta. Neste sentido, as mais diversas práticas corporais na natureza<sup>1</sup> nascem para satisfazer aos praticantes que vão se aventurar ao encontro da natureza procurando fortes emoções (SILVA; FREITAS, 2010; TAHARA; DIAS; SCHWARTZ, 2006). Assim, os praticantes se aliam ao perigo, tendo este, inúmeras faces, as quais se instalam desde o domínio físico ao sentimento de identidade do indivíduo que se lança em um universo em que suas ações expõem também, os aspectos relacionados à autoestima e a reputação pessoal (LE BRETON, 2009).

Em decorrência deste aspecto, a assunção de risco está associada às práticas corporais na natureza mediante a construção de fatores psicossociais do praticante, como frisa o estudo de Ryan (2003), que vê nestas atividades elementos sedutor, nos quais o risco se torna um aspecto central da atração. Os estudos de Lavoura; Melo e Machado (2007) e Bernardo e Matos (2003) revelam que a sensação de risco

---

<sup>1</sup> Dentre os diversos termos para nomear as práticas corporais junto à natureza – turismo de aventura, ecoturismo, esportes na natureza, esporte de aventura, esporte radical, atividade física de aventura na natureza (AFAN), prática de aventura, ecoesporte, entre outros – este estudo discute o termo práticas corporais na natureza, acreditando ser o marco que mais se aproxima da temática, envolvendo estas nomenclaturas como sinônimas, no entanto ciente de suas especificidades.

proporcionada pelas práticas corporais na natureza é fator que melhora a autoestima. Além disso, outro estudo como o de Franques *et al.* (2003) afirma que as sensações do risco proporcionadas por tais práticas são semelhantes às sensações dos dependentes de ópio, que se arriscam com o consumo de substâncias químicas. Assim pode-se observar que as emoções vivenciadas em práticas tão distintas, oferecem sensações semelhantes, em que as práticas corporais na natureza apresentam sensações benéficas à saúde, destacando a autoestima, enquanto dependentes de ópio podem intervir na saúde biopsicossocial.

No que refere aos aspectos emocionais, o risco está relacionado à segurança ontológica do indivíduo, cujas experiências emocionais proporcionam sentido a vida (GIDDENS, 1991). Ao experimentar emoções o praticante se envolve em um alicerce, no qual a segurança do “eu-sujeito”, no sentido positivo, sustenta questão de ordem existencial, como ressalta Elias e Dunning (1992). Por outro lado, os aspectos emocionais negativos dão a sensação de medo, os quais apontam sinais de alerta, de perigo ou ameaça (LAVOURA; MELO; MACHADO, 2007).

Deste modo, autores como Freitas (2005) e Giddens (1991) ressaltam que as emoções carregam relações com a linguagem, podendo transmitir intensamente mensagens do corpo, manifestando os gestos, por se tratar de sensações. Destarte, o risco nas práticas corporais na natureza se faz presente, no entanto a segurança ontológica está implícita na consciência do praticante, o qual preza pela segurança ao buscar recursos tecnológicos mais sofisticados, mas que nem sempre deixa o praticante imune ao lidar com o risco.

## **Ritos nas Práticas Corporais na Natureza**

O risco atravessa as esferas da condição humana, como por exemplo, aumenta o sentimento de responsabilidade com os outros e em si mesmo, recaindo na contenção das ameaças encontradas nas suas interfaces (LE BRETON, 2009). A este aspecto, os elementos espaço e tempo, que são incorporados pela sociedade “[...] constroem formas sociais e culturais de conjuração dos perigos” (LE BRETON, 2009, p. 9). O autor ainda destaca que a sociedade afasta, ritualmente, o medo, por meio de preces, cerimônias, técnicas, organizações sociais que fortalecem a ligação social, além de conter a adversidade.

Diante deste cenário, Pimentel (2008) lembra que as sociedades tradicionais, quando expostas ao risco, adotavam o uso de ritos para preparação às ameaças procedentes da natureza. Os ritos são expressões culturais, que envolve preparativos para uma situação, como frisa Abbagnano (1998, p. 859), que denomina o rito como “[...] técnica mágica ou religiosa que visa obter sobre as forças naturais um controle que as técnicas racionais não podem oferecer, ou a obter a manutenção ou conservação de alguma garantia de salvação em relação a essas forças”, objetivando neste sentido, garantir certa segurança em relação às forças naturais, como também um controle além do que as técnicas racionais podem oferecer.

Para Maffesoli (1998) os elementos menos racionais que envolvem sonhos, mitos ou arquétipos são dirigidos essencialmente às emoções coletivas, a partir desta perspectiva que compele à forma social. O autor ainda destaca que a esta forma nada é fixo, o que deixa livre o sentido da criação, envolvendo o visível e o invisível: objetos, imagens, símbolos, ritos, em que a atração social age, pensa, imagina. São estas formas que compartilham os rituais que encontram no jogo meio de expressão. Desse modo, as

formas sociais, os quais os ritos são elementos essenciais para a criação de uma sociedade, expressam culturalmente um povo, e é neste sentido que Huizinga (2008) aponta que a cultura nasce do jogo, visto que foi percebido um ritual de atitudes e gestos, desde os animais. O elemento sagrado contido no jogo exprime a um culto ou rito que integra o simbólico, o corpo, o espaço e o equipamento.

Como decorrência deste aspecto, Le Breton (2009) traz em seu estudo, os ritos ordálicos ou rito de passagem. Para compreensão, é importante trazer as ideias de Blanquet (2008) que esclarece o termo ordálio, referindo-se a provação do antigo ritual do judiciário conhecido como “O Julgamento de Deus”. Esse contestava o presumível autor de uma situação mortal. Assim, se o indivíduo saía vivo, então era considerado inocente, “Deus” tinha salvo-o. Contudo, os ritos ordálicos tem a função de buscar a justiça de Deus ou dos deuses para regular os assuntos dos homens, para se tornar um rito oracular e de valor pessoal (LE BRETON, 2009). O autor ressalta que o sujeito que coloca o corpo em risco está “em um intercâmbio simbólico com a morte”, em que o indivíduo oferece a vida ao risco da morte, mas por outro lado, espera se sair bem, e que ela dê em troca o sentimento de onipresença, de exaltação da existência (LE BRETON, 2009, p. 79). O autor frisa que o jogo com a morte é uma aposta para a existência do sujeito, e quando, simbolicamente superada, consente continuar a vida sob uma nova virtude. Os ritos ordálicos recaem aos indivíduos que confiam no acaso, mas para eles se transforma em destino.

Le Breton (2009), ainda apresenta os ritos individuais de passagem, em que o sujeito busca se revelar em uma adversidade imaginária. Estes ritos equivalem a uma forma solitária e simbólica do gosto de viver, é um ato singular e nem sempre o sujeito se encontra lúcido na ação, objetiva sair ileso. No entanto, Le Breton (2009) frisa que o

sujeito não modifica em nada no seu *status* social, apenas pode ou não modificar seu eu virtualmente, não alcançando a mudança interior almejada. Este sentimento exposto no rito individual de passagem, é diferente no que se encontra no rito de passagem, pois este apresenta a revelação de identidade, e da mudança ontológica, consistindo de uma passagem que evidência os desafios de identificação do sujeito e de separação.

A busca pelos ritos favorece a integração social e ao sentimento de estar garantida a vida como observa Le Breton (2009, p. 85), o comportamento ordálico “é uma espécie de último recurso, uma última chance que o indivíduo dá a si, a chance de quem pensa que, de todo modo, nada mais tem a perder”. No entanto, os rituais na perspectiva de minimizar ou abolir os riscos, nem sempre são favoráveis as práticas corporais na natureza para imunizar as situações de riscos existentes nestes ambientes. Como foi apresentado, estas práticas estão interligadas aos riscos reais, e podem ocasionar lesões, acidentes, além dos riscos epidemiológicos e os casos fatais (SILVA; FREITAS, 2010)

Estudos revelam que as práticas corporais na natureza, em que há maior incidência de lesões e acidentes são andar a cavalo, *mountain bike*, atividades aquáticas, caminhadas, atividades em montanhas e esportes na neve (BENTLEY; PAGE; MACKY, 2007; BENTLEY; MACKY; EDWARDS, 2006; BENTLEY; PAGE; WALKER, 2004; BENTLEY; PAGE; LAIRD, 2000). Estes acidentes e lesões são provenientes da insuficiência e omissão das informações e dos métodos e normas de segurança, bem como a escassez de intervenções visando à promoção educacional. Outras pesquisas apresentam resultados em que os jovens e adultos de ambos os gêneros são público alvo nas práticas corporais na natureza (LESHEN *et al.*, 2008; BENTLEY;

PAGE; MACKY, 2007; MCINTOSH *et al.*, 2007; BENTLEY; MACKY; EDWARDS, 2006; MCLAUGHLIN *et al.*, 2006).

Diante deste quadro torna importante implementar formas de prevenção e intervenção tanto para os gerenciadores das mais diversas práticas corporais na natureza quanto aos atores sociais que usufruem destas atividades, visando diminuir os casos de imprudência decorrente da lacuna de informações necessárias para minimizar os riscos reais destas práticas.

### **Considerações Finais e Sugestões**

A discussão a luz do risco e o rito discutido nesse estudo aponta que a sociedade pós-moderna tende a oferecer novas oportunidades no que recai à organização social, rompendo um referencial que protegia a tradição de uma comunidade na busca de transformações sociais que atinge toda a estrutura da vida humana. Por consequência destes aspectos, os riscos são gerados a partir das próprias transformações e desenvolvimento desta sociedade, no que diz respeito também aos âmbitos político, econômico, cultural, tornando-os inerente a condição humana.

Nesta perspectiva, a sociedade pós-moderna busca emoções vivenciáveis no intuito de encontrar uma hiperrealidade que recai na construção de uma realidade desejada, em que o cotidiano representa uma repressão social o qual a sociedade está inserida. Assim, encontram nas práticas corporais na natureza novas formas de sensações para o corpo que está em risco, no entanto na maior parte destas práticas, o risco é controlado.

Para o gerenciamento e minimização dos riscos, os seres humanos envolvem os ritos como forma de conjurar os perigos do cotidiano, em situações ameaçadoras a partir

de organizações sociais que fortalecem a ligação. É um controle que as técnicas racionais não podem oferecer e abarcam um universo imaginário dos mitos e sonhos, os quais apresentam o visível e invisível, como objetos, imagens, símbolos, em que o fascínio social age, raciocina, idealiza, trazendo segurança para o grupo. Contudo, nem sempre os ritos imunizam os seres humanos nas práticas corporais na natureza. Ainda há índice elevado de acidentes, lesões, doenças e até casos fatais provocados por estas atividades que muitas são resultados de falta de informação, prevenção e intervenção, imprudência, autoconfiança, insuficiência de normas e técnicas de segurança que provêm destas ocorrências.

Para pensar as transformações dessa sociedade que necessita consumir o ato do prazer buscando o risco nas práticas corporais na natureza é preciso aprofundar essas compreensões no âmbito acadêmico, pois o risco faz parte da vida, e o sistema educacional, político e social só prezam pela segurança, sendo necessário saber gerenciar esses riscos presentes no cotidiano. Além disso, é imperioso informar aos praticantes como administrar e prevenir os riscos, contribuindo desta forma, a minimização dos imprevistos indesejáveis durante as práticas corporais na natureza.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.



BECK, Ulrich. Autodissolução e auto-risco da sociedade industrial: o que isso significa? In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.** Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BENTLEY, Tim; PAGE, Swet; MACKY, Keith. Adventure tourism and adventure sport injury: the New Zealand experience. **Applied Ergonomics**, v. 38, n. 6, p. 791-796, 2007.

\_\_\_\_\_.; MACKY, Keith.; EDWARDS, Jonathan. Injuries to New Zealanders participating in adventure tourism and adventure sports: an analysis of accident compensation corporation (ACC) claims. **The New Zealand Medical Journal**, v. 119, n. 1247, 2006.

\_\_\_\_\_.; PAGE, Swet; WALKER, Leighton. The safety experience of New Zealand adventure tourism operators. **Journal of Travel Medicine**, v. 11, n. 5, p. 280-286, 2004.

\_\_\_\_\_. A.; PAGE, Swet;; LAIRD, Ian. Safety in New Zealand's adventure tourism industry: the client accident experience of adventure tourism operators. **Journal Travel Medicine**, v. 7, n. 5, p. 239-245, 2000.

BERNARDO, Rui; MATOS, Margarida. Desporto aventura e auto-estima nos adolescentes, em meio escolar. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**, v. 3, n. 1, p. 33-46, 2003.

BLANQUET, Brigitte. **Lordalieducontact** : unanalyseur de lascèneordalique, Thèse de doctorat de l' Université Lyon2, 2008.

BRUHNS, Heloisa Turini. **A busca pela natureza: turismo e aventura.** Barueri: Manole, 2009.

COSTA, Marisa Vorraber. Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI. **Educar em Revista** [online], n.37, 2010, p. 129-152.

COSTA, Vera Lúcia Menezes. **Esportes de Aventura e Risco na Montanha.** São Paulo: Manole, 2000.

DE MASI, Domenico. A Sociedade Pós-Industrial. In: DE MASI, Domenico (Org.). **A Sociedade Pós-Industrial.** São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1999.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: DIFEL, 1992.

FERRAZ, T. G. Cotidiano e Dança na Periferia: reflexões para uma prática educativa. **Pensar a Prática**, v. 6, 2003, p. 117-138.

FOLLARI, Roberto A. Estudios sobre postmodernidad y estudiosculturales: ¿sinónimos? **Revista Latina de Comunicación Social**, La Laguna, ano 3, n. 35, nov. 2000.

FRANQUES, Pascale *et al.* Sensation seeking as a common factor in opioid dependent subjects and high risk sport practicing subjects. A cross sectional study. **Drug and Alcohol Dependence**, v. 69, p. 121-126, 2003.

FREITAS, Clara Maria Silvestre Monteiro. **Da emoção à contradição no esporte: uma reengenharia da modernidade**. Recife: EDUPE, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

\_\_\_\_\_.; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

\_\_\_\_\_. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GUIVANT, Julia. A trajetória das análises de risco: da periferia ao centro da teoria social. **Revista Brasileira de Informações Bibliográficas**– ANPOCS, n. 46, p. 3-38, 1998.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 2001.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. Tradução João Paulo Monteiro. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

IMPERATO, Pascal; Mitchells, John. **Acceptable risks**. New York: Viking, 1985.

LAVOURA, Tiago Nicola; MELO, Cíntia Cristina; MACHADO, Afonso Antonio. Estados Emocionais na Prática Esportiva: Relações Entre Medo e Vergonha no Contexto Esportivo. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 15, n. 3, p. 79-77, 2007.

LE BRETON, David. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Campinas: Autores Associados, 2009.

\_\_\_\_\_. Aqueles que vão para o mar: O risco e o mar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p.9-19, 2007a.

\_\_\_\_\_. **A Sociologia do Corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007b.

\_\_\_\_\_. Risco e Lazer na Natureza. In: In: MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Heloisa Turini. **Viagens, Lazer e Esporte: o espaço da natureza**. Barueri: Manole, 2006, p. 94-117,.

LESHEM, E. *et al.* Clinical Features of Patients with severe altitude illness in Nepal. **Journal of Travel Medicine**, v. 15, n. 5, p. 315-322, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista: crepúsculo do dever**. Tradução: Armando Braio Ara. Barueri: Manole, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **Os tempos das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

MARINHO, Alcyane. Lazer, Aventura e Risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 14, n. 02, p. 181-206, 2008.

MCLAUGHLIN, Kyle *et al.* Pattern of Injury and Illness During Expedition-Length Adventure Races. **Official Journal of the Wilderness Medical Society**, v. 17, n. 3, p. 158-161, 2006.

PIMENTEL, Giuliano. Gomes. A. Ritos e risco na prática do vôo livre. **Movimento**. Porto Alegre, v.14, n. 3, p. 13-32, 2008.

RYAN, Chris. Risk Acceptance in Adventure Tourism – Paradox and Context. In: WILLKS Jeff, PAGE, Stephen. **Managing tourism health and safety in the new millennium**. Oxford, UK: Pergamon, 2003. p. 55-67

SLOVIC, Paul. WEBER, Elke. **Perception of risk posed by extreme events**. Columbia University and Wissenschaftskollegzu Berlin. In Risk Management Strategies in an Uncertain World Conference, April, 2002. Disponível em: [http://ssdb.ldeo.columbia.edu/chrr/documents/meetings/roundtable/white\\_papers/slovic\\_wp.pdf](http://ssdb.ldeo.columbia.edu/chrr/documents/meetings/roundtable/white_papers/slovic_wp.pdf) . Acesso em: 23 jun. 2010.

SILVA, Priscilla Pinto Costa; FRENTAS, Clara Maria Silvestre Monteiro. Emoções e riscos nas práticas corporais na natureza: uma revisão sistemática. **Motriz**. Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 221-230, 2010.

SPINK, Mary Jane P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Caderno Saúde Pública**, v. 17, n. 6, p. 1277-1289, 2001.

TURNER, B.; WYNNE, B. Risk communication. In: DURRANT, J. **Biotechnology in public: a review of recent research**. London: Science Museum, 1992.

TAHARA, A. K.; DIAS, V. K.; SCHWARTZ, G. M. A aventura e o lazer como coadjuvantes do processo de educação ambiental. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 1-12, jan./jun. 2006.

WILDAVSKY, Aaron Public policy. Davis, B. (ed.). **The genetic revolution. Scientific prospects and public perceptions**. Baltimore e Londres: The John Hopkins University Press, 1991.

### **Endereço dos Autores:**

Priscilla Pinto Costa da Silva  
Departamento de Educação Física  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Campus Universitário Lagoa Nova  
Natal – RN – 59.078-970

Priscilla Pinto C. da Silva, Patricia de Jesus C. dos Santos,  
Ana Raquel M. dos Santos, Bruno Medeiros R. de Araujo,  
Emília Amélia Pintos C. Rodrigues e Clara Maria S. Monteiro de Freitas

Praticas Corporais na Natureza

Endereço Eletrônico: laprisci@gmail.com

Patricia de Jesus Costa dos Santos  
Rua João Machado nº90 Prata  
Campina Grande – PB – 58.400510  
Endereço Eletrônico: patriciajcs@gmail.com

Ana Raquel Mendes dos Santos  
Rua Tula Freire de Souza, n. 61 San Martin  
Recife – PE – 50.761-730  
Endereço Eletrônico: raquel\_mdss@hotmail.com

Bruno Medeiros Roldão de Araújo  
Rua Gustavo Teixeira Vilarim, 80 "E", Bodocongó  
Campina Grande – PB – 58.430-350  
Endereço Eletrônico: bruno.rol@gmail.com

Emília Amélia Pinto Costa Rodrigues  
Rua João Machado nº90 Prata  
Campina Grande – PB – 58.400510  
Endereço Eletrônico: milapcosta@hotmail.com

Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas  
Rua Arnóbio Marques, n. 310  
Campus Universitário HUOC – ESES. Santo Amaro  
Recife – PE – 50.100-130.  
Endereço Eletrônico: clarasilvestre@uol.com.br